

Grupo de estudo em TV pública: a experiência da construção de uma proposta de atividade extracurricular em um curso de jornalismo

Study group on public TV: the experience of building a proposal of extracurricular activity in a journalism course

Alberto Magno Perdigão Silveira¹

Wagner Mendes Crispim²

Resumo

Este artigo relata a experiência inovadora da instalação de um grupo de estudo dedicado ao tema da TV pública e seus primeiros meses de funcionamento, no curso de jornalismo da Universidade de Fortaleza, no Ceará, desenvolvida por um professor de Princípios e Técnicas de Telejornalismo I e pelo aluno-monitor da disciplina. Apresenta a pesquisa como possível trajeto para a elaboração de uma proposta de atividade extracurricular e de iniciação científica, que compense a ausência de temas como a comunicação pública e a TV pública no currículo do referido curso. Aborda a escolha da pesquisa qualitativa com métodos etnográficos e netnográficos. E, ao final, baseia-se na vivência, para oferecer à discussão algumas possíveis pistas metodológicas que talvez ajudem na adaptação do modelo em outras universidades interessadas no preenchimento da citada lacuna curricular.

Palavras-chave: Grupo de estudo. TV pública. Curso de jornalismo. Netnografia.

Abstract

This article relates the innovative experience of installing a study group dedicated to the topic of public TV and its first months of operation, in the journalism course at the University of Fortaleza, in Ceará, developed by a professor of Principles and Techniques for Television Journalism I and the student monitor-discipline. The research presents a possible pathway

¹ Mestre em Políticas Públicas e Sociedade, com pesquisa na área da comunicação pública e ênfase na TV pública, professor de jornalismo do Centro de Ciências da Gestão e Comunicação da Universidade de Fortaleza, onde coordena o Grupo de Estudo em TV Pública.

² Aluno-monitor da disciplina Princípios e Técnicas de Telejornalismo I do curso de jornalismo do Centro de Ciências da Gestão e Comunicação da Universidade de Fortaleza, integrante do Grupo de Estudo em TV Pública.

Contato: aperdigao13@gmail.com

for the elaboration of a proposal for an extracurricular activity and scientific initiation, to compensate for absence of topics such as public communication and public TV in the curriculum of this course. It discusses the choice of qualitative research with ethnographic and netnography methods. And, in the end, based on experience, to offer to the discussion some possible methodological clues, which may help in model adaptation in other universities interested in filling the gap curricular cited.

Keywords: Study group. Public TV. Journalism course. Netnography.

Introdução

A experiência que se relata neste artigo está situada no campo interdisciplinar da Pedagogia, com ênfase em grupos de estudo no Ensino Superior, e da Comunicação, com foco na TV pública. A vivência é parte de uma pesquisa que tem como objeto a instalação de um grupo de estudo em TV pública em um curso de jornalismo em Instituição de Ensino Superior, compartilhada por um professor de Princípios e Técnicas de Telejornalismo I, proponente do grupo, um aluno monitor, na posição de assistente, e estudantes do curso de jornalismo da Universidade de Fortaleza-Unifor, como membros participantes.

Partiu-se da hipótese de que haveria condições favoráveis à instalação de um grupo de estudo em TV pública no âmbito daquele curso. Tomou-se, como pano de fundo, a inquietação, o incômodo e a necessidade, surgida do cotidiano da sala de aula, de buscar compensar a lacuna existente nas ementas das disciplinas do curso, referente à comunicação pública e, especialmente, à TV pública. Os temas são complementares, estão na pauta dos meios de comunicação e dos governos desde a Constituição de 1988, ganharam força nas discussões da esfera pública em geral, mas que ainda não estavam contemplados naquela Universidade.

Tendo como motivação as incertezas sobre que entraves se encontrariam para a instalação de um grupo de estudo em TV pública em um curso superior de jornalismo – e se, efetivamente, os possíveis entraves poderiam ser transpostos –, professor e aluno lançaram-se ao desafio de criar o grupo de estudo, na perspectiva de propor um escape aos limites impostos pelo engessamento curricular. Sabiam estar em sintonia com as conclusões da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior (Paris, outubro de 1998), no que se refere à necessidade de os sistemas de educação superior conviverem com a incerteza e provocarem mudanças:

A incerteza não nos deve levar à perplexidade, mas à disposição para a mudança e a incessante extensão e renovação do conhecimento. Se o século XX foi o da procura de certezas científicas e do desenvolvimento acelerado das várias disciplinas do conhecimento humano, o presente século está marcado para ser o da incerteza e da abordagem interdisciplinar (BERNHEIM; CHAUÍ, 2008, p. 12).

Começava, então, a primeira produção acadêmica do grupo, mesmo ainda em instalação, sem que se soubesse ao certo se esta poderia ser a também a última. Uma pesquisa qualitativa do tipo etnográfica, portanto, era o que se propunha, usando a técnica da observação participativa e o diário de campo como ferramenta de coleta dos dados.

O trajeto percorrido entre janeiro e junho de 2013, para conhecer os possíveis entraves na instalação de um grupo de estudo em TV pública em um curso de jornalismo, é o que se narra a seguir. Antes, entretanto, serão apresentadas, no item 1, algumas abordagens a respeito da metodologia etnográfica, inclusive sobre a incursão experimental na netnografia. O item 2 tratará da importância do tema TV pública e sua ausência em cursos de jornalismo. E o item 3 narrará a experiência de instalar e fazer funcionar o grupo, incluindo uma avaliação dos participantes a respeito da vivência, que para eles também foi nova.

1 A pesquisa etnográfica

Reconhecer-se perante um ambiente, sentir-se parte dele, apropriar-se dele como território explorável, e conhecê-lo melhor, para melhorá-lo. Estes desafios que perseguem a todos enquanto cidadãos devem estar presentes também na conduta de professores e alunos na Universidade. Especialmente aos que se dedicam à pesquisa, e notadamente aos alunos de jornalismo, que logo estarão envolvidos na prática da reportagem, este outro tipo de investigação.

Esta foi uma primeira reflexão que colocou em sintonia as expectativas do professor e do aluno, quanto a possível pesquisa a ser realizada como atividade prática do programa de monitoria da Universidade de Fortaleza. A pegada inovadora para o programa aproximaria três campos que muitas vezes aparecem isolados e desconexos, quais sejam o ensino-aprendizagem, a monitoria e a iniciação científica. Seria preciso ousar na justificativa perante a Universidade e ousar também em relação à metodologia a ser adotada, de forma a que pesquisa resultasse positiva.

1.1 Experimentando a netnografia

Dada a condição de que os pesquisadores tomariam parte na construção e posterior funcionamento do grupo de estudo como “laboratório”, optou-se pela etnografia como método. O professor coordenador estimularia o grupo, enquanto o aluno-monitor assumiria o papel de observador-participante. Por um lado, foram tomadas as providências de autorização da Universidade, alocação de sala, divulgação do novo serviço, estrutura de inscrição etc – como se verá a seguir. Por outro, foi realizada a experiência propriamente, pensando que aquela seria, antes de tudo, uma atividade extracurricular.

Do ponto de vista metodológico, seguiram-se os passos sugeridos por Travancas (2008), quais sejam o levantamento bibliográfico e a leitura do material coletado, a elaboração de um diário de campo (para as anotações da pesquisa exploratória sobre o local, o tempo disponível, os “personagens”), a entrada no campo (departamentos da Universidade, depois as reuniões de grupo), a observação participante (instrumento de coleta adotado no caso) e, finalmente, a escritura do texto que, na pesquisa etnográfica, segundo a autora, tem caráter peculiar, dada a carga de subjetividade que se lhe permite:

“É claro que o pesquisador não é apenas um transmissor de falas ouvidas. Para isso bastaria um gravador e alguém que transcrevesse as fitas. Seu papel fundamental é interpretar. Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido”. (TRAVANCAS, 2008, p. 103-104).

Em relação, à pesquisa bibliográfica, quatro textos foram lidos e discutidos pelo professor e pelo aluno-monitor, e aprovados para serem apresentados e discutidos no futuro grupo: (1) O Conceito de Comunicação Pública (SILVEIRA, 2010); (2) O Desenho do Serviço Público de Radiodifusão Britânico na Era Digital (ROTHBERG, 2011); (3) Sistema Público de Comunicação no Brasil (INTERVOZES, 2009); e (4) Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas: uma avaliação contemporânea (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012).

Não obstante um desejo inicial de abrir o grupo como projeto de extensão com caráter de voluntariado/responsabilidade social, optou-se por restringir a participação aos alunos de jornalismo, audiovisual e publicidade, do Centro de Ciências da Gestão e Comunicação-CCGC da Universidade de Fortaleza. Assim, a clientela tenderia a ser menor, menos heterogênea e mais previsível, reduzindo assim possíveis variáveis que pudessem aumentar desnecessariamente o grau de complexidade da vivência pretendida.

Quinze alunos se inscreveram, chegaram a participar do ato de instalação, mas sete deles não perseveraram, sem que se pudessem saber os motivos. Oito participantes, todos do curso de jornalismo, seguiram frequentando o “laboratório”, cumprindo a exigência de 75% de presenças. Observou-se ser um grupo heterogêneo, em relação ao sexo, ao semestre que cursavam e - como revelaram logo nas primeiras manifestações -, muito homogêneo quanto à pouca compreensão do conceito e das práticas de comunicação pública ou de TV pública.

Em relação ao diário de campo, este foi mantido alimentado em todas as fases, facilitando o atual relato, notadamente a elaboração do item 3. Quanto à entrada no campo, o projeto de pesquisa foi apresentado ao grupo no primeiro encontro, de forma que cada membro tivesse a informação de que o seu discurso – ou o seu silêncio – poderia vir a ser aproveitado como dado, e a que se inaugurasse, assim, uma relação de confiança. O aluno-monitor também participava do grupo como membro, mas todos ali sabiam que ele observava o funcionamento do todo e o comportamento de cada um.

Para além do grupo real, optou-se por instalar também uma ferramenta virtual, no caso uma página na rede social Facebook (www.facebook.com/pages/Grupo-de-Estudo-em-TV-Pública), que servisse de ambiente de informação, expressão e diálogo para os integrantes do grupo. Depois do encontro, cada membro poderia acessar o relatório da reunião com o seu conteúdo principal e intervenções pontuais; outros informes em arquivos de texto, fotos e vídeos de abordagem temática ou factual sobre a TV pública; podendo também inserir novas manifestações e comentários, ou sugerir inclusões, através do endereço de *e-mail* do professor ou do monitor, administradores da página.

Professor, monitor e demais integrantes do grupo tinham um tempo-espaço real de vivências e compartilhamentos, que se complementava simultaneamente com um ambiente virtual. Configurava-se, desta forma, o aspecto de netnografia da pesquisa. O termo netnografia foi cunhado na década de 1980 por Kozinets (2010 *apud* LIMA FILHO, 2012, p. 20), que o conceitua:

Netnografia é etnografia conectada pela tecnologia, ou pela internet. A netnografia é a etnografia adaptada às complexidades de nosso mundo social contemporâneo, mediado pela tecnologia.

Para o autor citado, as interações proporcionadas e mediadas pelo ambiente virtual já podem ser consideradas como reflexos culturais dos tempos

atuais e que exigem um entendimento mais aprofundado. Já Kozinets (*apud* LIMA FILHO, 2012, p. 20) considera que:

Sendo então definida como a metodologia para estudos na Internet e atuando como o método interpretativo e investigativo para compreender o comportamento cultural e de comunidades online, a etnografia virtual passou a ser validada no campo da comunicação pelo fato de que muitos objetos de estudo de pesquisas sejam encontrados exclusivamente no chamado ‘ciberespaço’.

Para Pinto, S. Neto e Costa (2007, p. 5), “nas pesquisas realizadas no ciberespaço podem ser empregados, analogamente, alguns dos conceitos que foram cunhados para o estudo das culturas no território real ou concreto. Inclusive, sem perder de vista as noções de tempo e espaço [...]”. Já Amaral, Natal e Viana (2008, p. 36) argumentam que

a internet dispõe de um campo infinito de conteúdos que poderão servir de suporte para o pesquisador, sem necessariamente estar diretamente relacionada ao tema da pesquisa e ao seu campo de análise.

De maneira geral, os membros do grupo não se apropriaram da ferramenta pensada para ser um ambiente de autoria e colaboração. Alguns acessaram os conteúdos postados diariamente, outros acessaram e curtiram a página (manifestação de aprovação), sendo também natural pensar que algumas postagens foram compartilhadas (replicadas) através das páginas pessoais dos membros e/ou de outras redes sociais virtuais. Nesta incursão netnográfica, o fato de que os participantes praticamente não ofereceram conteúdos para a postagem no período foi considerado importante.

A exceção, faça-se o registro, foi a de um alunos que gravou duas entrevistas, editou e disponibilizou o material para a postagem. As entrevistas versaram sobre TV pública, configurando, assim, uma valiosa contribuição ao ensino-aprendizagem e ao debate em geral. A propósito, também foi considerada relevante a participação de internautas que não compunham o grupo, alunos ou não, profissionais ou não, pesquisadores ou não do jornalismo, da comunicação pública ou da TV pública, alguns dos quais de outros estados e até de outros países.



Figura 1 - Página do Grupo de Estudo em TV Pública na rede social virtual Facebook

2 A TV pública no curso de jornalismo

A TV pública se inscreve no campo da comunicação pública, podendo esta ser entendida como um novo modelo de comunicação ampliado praticado por governos democráticos e em Estados politicamente abertos, que substitui a comunicação institucional, restrita em suas possibilidades comunicacionais e limitada em sua capacidade de assegurar o direito à informação, à participação e ao controle dos atos dos governos, e de garantir o Estado democrático de direito.

Para Silveira (2010), a comunicação pública é a que assegura em fluxos livres, intensos e simultâneos, a informação do governo para o cidadão, a expressão na via inversa do cidadão para o governo e o diálogo entre o Estado e sociedade; com acessibilidade, usabilidade e utilidade; pelo desenvolvimento da governança baseada na participação política e no controle social, na geração de capital social e de protagonismo. O autor oferece o conceito baseado nos estudos do francês Pierre Zémor, para quem a comunicação pública é a “verdadeira comunicação”:

Porque é a que está centrada no interesse público e que assegura o diálogo entre o cidadão e o Estado, devendo esta ser proposta, promovida, incentivada e acompanhada pelos governos. Pierre

Zémor considera a comunicação pública como uma troca de informação de utilidade pública, afastando assim do conceito qualquer intenção outra de comunicação com característica unívoca, autoritária ou personalística, seja ela proposta pelo Estado, por um governo ou partido político (SILVEIRA, 2010, p. 120).

Não obstante ser de inequívoca importância, esta modalidade de comunicação afirmadora de liberdades ainda não faz parte da matriz curricular obrigatória dos cursos de jornalismo, ainda anacrônicos em relação aos novos tempos de democratização das relações, de ampliação da cidadania e do avanço das novas tecnologias da informação e comunicação. No curso da Universidade de Fortaleza, a comunicação pública não está sequer na ementa da disciplina Assessoria de Comunicação, cujo programa oscila entre a comunicação institucional e a comunicação integrada, não saindo assim dos limites da publicidade³.

Não havendo espaço para a comunicação pública, natural que não o haja também para a TV pública, reduzindo-se, desta forma, a possibilidade de que os alunos compreendam que existe a alternativa da comunicação dialógica fundamentada no interesse público, e que se reconheçam e se incluam neste contexto como futuros jornalistas. Restringindo a oportunidade de que novos profissionais da informação venham a acreditar e a se apropriar das emissoras públicas de televisão, normalmente governamentalizadas e patrimonializadas, comumente desinteressantes e desinteressadas com a necessidade de informação, expressão e diálogo da sociedade.

Silveira (2010, p. 129) afirma que o não reconhecimento da importância da comunicação pública e da TV pública nos cursos de jornalismo é reflexo de um desconhecimento da sociedade sobre os temas:

O caráter público da TV pública brasileira é uma questão que reside, em princípio e essencialmente, no fato de que a

³ Os temas contemplados na ementa da disciplina Assessoria de Comunicação do curso de jornalismo da Universidade de Fortaleza são: Conhecimento geral sobre assessoria de comunicação; Atividades desempenhadas pela assessoria de comunicação; A função da assessoria de comunicação nas organizações; Relação assessoria de comunicação, mercado e sociedade; Assessoria de comunicação e ética; Assessoria de comunicação em organizações públicas, privadas e da sociedade civil; A prática em assessoria de comunicação.

sociedade não conhece – nem é estimulada a entender – o que é um sistema público de comunicação, onde se insere a TV pública. Não é da tradição do brasileiro assistir à televisão como um serviço público de informação, educação, entretenimento etc., cuja existência prevê a Constituição. Tampouco este telespectador se apropria dos direitos que concernem ao público, de forma que esta postura contamina a relação que se poderia estabelecer especificamente com as TVs públicas.

Nem mesmo as disciplinas dos cursos de jornalismo relacionadas à televisão contemplam a TV pública. Como se as universidades, incluídas as financiadas com o dinheiro público, estivessem destinadas, por alguma norma legal ou moral, a preparar profissionais para servir, como mão de obra qualificada, apenas às emissoras privadas, em detrimento das emissoras públicas, em tese as que mais precisam, e em desfavor de um público que demanda conteúdos não contaminados pelos interesses do mercado – ou dos governos⁴.

2.1 Transgressão e “desdisciplina”

É curioso encontrar Ética e jornalismo nas duas ementas de telejornalismo, e não ter o jornalismo público que se vislumbra ver oferecido nas emissoras públicas de televisão. Não obstante a ocorrência de temas relacionados à história da televisão e do telejornalismo, contemplados em Telejornalismo I, a temática é predominantemente instrumental, seja em relação à linguagem ou à construção textual, seja em relação às rotinas ou funções de um departamento de telejornalismo.

⁴ Na Universidade de Fortaleza, Princípios e Técnicas de Telejornalismo I traz a seguinte ementa: Panorama histórico da televisão; Análise crítica sobre a televisão; História do Telejornalismo; Conceito e elementos de construção da linguagem audiovisual; A redação de textos para telejornal (a notícia, a reportagem, o script etc.); Produção de pautas e construção de matérias; Análise de telejornais, reportagens especiais e documentários; Ética e telejornalismo.

A ementa de Princípios e Técnicas de Telejornalismo II também não avança, restringindo-se a: Redação de texto para televisão; Relações entre a linguagem verbal e a audiovisual; Preparação e construção de pautas e matérias. Realização de programas de telejornalismo; A pós-produção do telejornal conceito e edição; Análise de reportagens e telejornais; Novas tecnologias e o telejornalismo. Ética e telejornalismo.

Como alunos de jornalismo devem entender, então, a TV pública? Como convencer professores, coordenadores, diretores de Centro, burocratas federais do Ensino Superior de que há muito a TV pública já deveria estar na ementa dos cursos de jornalismo? Por que não apresentar a TV pública não como alternativa, mas como o padrão de televisão, como paradigma para a utilização da concessão pública do canal e para a veiculação de conteúdos de interesse público?

[...] a mentalidade na qual se apoia a existência das emissoras públicas é a mesma mentalidade que procura inibir monopólios e oligopólios. Para ela, a radiodifusão só pode ser definida como serviço público (mesmo quando explorada, mediante concessão pública, por empresas privadas). Portanto, na prática, e não apenas na lei, a radiodifusão deve levar informação e cultura à sociedade, ajudando-a no acesso à informação independente, no livre trânsito das ideias e na formação crítica dos cidadãos. De modo espacial, as emissoras públicas devem liderar, devem destacar-se como referências na busca e no atingimento desses objetivos praticamente universais. (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 13).

Talvez, o conceito de TV pública aqui oferecido - o que se adjunta aos conceitos maiores de democracia e de diálogo - possa ajudar o leitor a se posicionar diante da questão, como ajudou os participantes do grupo de estudo em seus primeiros meses de atividade.

Na democracia – posto que sempre, aqui, estamos considerando a democracia como pré-requisito -, uma emissora pública existe para garantir um direito que tem a sociedade à informação, à cultura, à expressão de suas diferenças, à tematização de suas carências e potencialidades e à livre comunicação das ideias. A emissora pública deve garantir o direito que o público tem de criticar o poder, de imaginar o mundo como ele não é, de partilhar os desdobramentos de sua crítica e de sua imaginação e de utilizá-los em benefício de sua liberdade. (BUCCI; CHIARETTI; FIORINI, 2012, p. 13-14).

Fazer chegar o conceito de TV pública e ilustrá-lo com algumas práticas só foi possível para os alunos de jornalismo da Universidade de Fortaleza, a partir de uma saudável transgressão e de uma oportuna subversão de finalidade. A transgressão cometida foi incluir no curso, informalmente por parte da Universidade e voluntariamente por parte do professor proponente, uma

“descadeira”, uma “desdisciplina”, oportunizando a leitura e discussão de textos sobre TV pública, a observação e discussão sobre a programação das emissoras e a perspectiva, ao curto prazo, de uma produção acadêmica em torno do tema.

A subversão foi aproveitar o aluno selecionado para a monitoria da disciplina Telejornalismo I em uma atividade extrassala e extracurricular, qual seja a instalação e o funcionamento de um grupo de estudo dedicado à TV pública. A Universidade acolheu a proposta, o aluno-monitor se motivou ao que seria sua primeira incursão em TV pública e em iniciação científica, e um grupo de alunos acolheu o chamado à nova atividade. A iniciativa, inédita do ponto de vista metodológico que oportuniza este artigo, segue sendo narrada no item a seguir.

3 O Grupo de Estudo em TV Pública

O Grupo de Estudo em TV Pública foi instalado no dia 16 de abril de 2013, como uma experiência pioneira de exercício de monitoria e de prática de iniciação científica do curso de jornalismo, vinculado ao Centro de Ciências da Gestão e Comunicação da Universidade de Fortaleza. Desde sua instalação, o Grupo de Estudo funciona com encontros semanais, às terças feiras, das 11 horas às 12 horas, na sala R-9B, com 15 alunos do Centro inscritos e a participação efetiva de oito deles, em média, a cada reunião.

Como planejado e acordado pelo grupo, este primeiro período foi considerado de experiência e destinado à leitura e discussão de textos, de forma a que, confirmados o interesse e o comprometimentos de seus membros, e dominados alguns conceitos básicos da TV pública, seja possível ampliar e aprofundar os trabalhos, passar a realizar as primeiras produções científicas.

3.1 A experiência

A primeira discussão sobre a proposta de instalar um grupo de estudo direcionado ao tema da TV pública surgiu após a destinação de uma vaga de monitoria institucional para a disciplina Princípios e Técnicas em Telejornalismo I, portanto antes do início do período letivo 2013.1. No mês de janeiro, foram realizadas as primeiras reuniões de planejamento entre o professor da disciplina e o monitor selecionado, que, a partir de então, passou a integrar o projeto. Foram decididos o nome do grupo, seu conceito, o número de vagas, a carga horária, a frequência dos encontros, dia, hora e local de funcionamento.

Foram definidos também o objeto de estudo, o objetivo e a metodologia a ser utilizada. Estabelecidas as premissas, os organizadores foram em busca do apoio institucional da Universidade. Autorizados e apoiados pela coordenação do curso de Jornalismo e pela coordenação de monitorias, buscou-se a alocação de sala adequada à atividade proposta e logística para a abertura de inscrições. Por outro lado, pleiteou-se à agência de publicidade do Núcleo Integrado de Comunicação-NIC a criação de uma identidade visual para o grupo e o desenvolvimento de uma campanha de lançamento do serviço.



Figura 2 - Identidade visual criada como parte da campanha desenvolvida por alunos estagiários da agência de publicidade do Núcleo Integrado de Comunicação-NIC da Unifor

Não obstante o atraso no atendimento da demanda ter adiado o início dos trabalhos, a campanha foi aprovada, incluindo logomarca e slogan que passaram a constar das peças; cartaz e folder, estrategicamente distribuídos no *campus*; e, para servir de canal permanente de comunicação, de ferramenta de sustentação dos conceitos e objetivos, foi aberta uma página na rede social virtual Facebook, ferramenta a que se fez referência no item 1. As inscrições foram abertas no dia 4 de abril.

Um ato marcou a instalação do Grupo de Estudo em TV Pública, no dia 16 de abril de 2013, na sala R9-A. Ao lado do professor coordenador e do aluno voluntário, abordou-se a importância do Grupo como fórum de leitura, discussão e pesquisa; do seu pioneirismo como experiência que une objetivos de monitoria e de iniciação científica; e firmou-se, ali, um compromisso de dedicação com os 15 alunos presentes. A partir de então, foram realizados nove encontros de uma hora/aula cada, às 11 horas das terças feiras, dias 23 e 30 de abril; 7, 14, 21 e 28 de maio; 4 e 11 de maio - sendo o desta data de duas horas/aula.

No primeiro encontro, foram apresentados o projeto e a metodologia. Nos demais encontros, foram discutidos quatro textos básicos, já citados, abordando os temas da comunicação pública, do sistema público de radiodifusão do Reino Unido, da TV pública brasileira e dos critérios de avaliação de desempenho propostos no âmbito da Empresa Brasil de Comunicação-EBC. Cada texto foi apresentado, de forma a justificar a escolha perante o grupo, para só então ser lido por cada integrante, nos dias que antecederiam o encontro seguinte.



Figura 3 - Grupo de Estudo em TV Pública no ato de instalação

Os textos foram discutidos após a leitura prévia, mesmo não contando com a presença de todos os inscritos, mesmo que nem todos os presentes efetivamente os tivessem lido. Ao final de cada encontro, o professor coordenador disponibilizou, na página do grupo no Facebook, um texto resumo da reunião, destacando os pontos relevantes da discussão. Ao longo das semanas, outros textos e vídeo relacionados à TV pública foram postados, de forma a facilitar novas percepções e conexões em torno do tema. Um grupo também foi aberto na internet, para facilitar a interação dos membros do Grupo de Estudo.

Até o dia 30 de junho de 2013, a página havia tido 92 curtidas; foram contabilizadas 25 postagens, com três comentários e 12 compartilhamentos. Ressalte-se também a visibilidade que o Grupo obteve na participação online, via Twitter, do lançamento do Manual de Jornalismo da EBC, no mês de maio; e da participação presencial do professor coordenador no Colóquio Internacional de Ouvidores em TV Pública, realizado na sede da EBC, em junho, em Brasília,

com transmissão ao vivo pela internet. Os referidos eventos ajudaram a impulsionar a navegação na página e a posicionar a página como fórum virtual de informação expressão e diálogo sobre a TV pública.

O período de recesso de julho foi reservado à avaliação do semestre, incluindo uma enquete de opinião junto aos alunos membros; à elaboração de relatórios à coordenação do curso e ao programa de monitorias; e à redação deste artigo, relato da experiência de instalar um grupo de estudos em TV pública, ensejando que a experiência possa servir de modelo e exemplo a ser seguido, com os devidos reparos e adaptações, por outras universidades interessadas em discutir e/ou observar a TV pública no âmbito de um curso de jornalismo.

Em relação à enquete, respondida por quatro participantes (metade da média das presenças, cerca de $\frac{1}{4}$ dos inscritos), 100% dos entrevistados afirmaram estar satisfeitos em relação ao resultado esperado. Em relação aos conteúdos dos encontros, 50% afirmaram estar muito satisfeitos e outros 50% satisfeitos. Em relação aos conteúdos das postagens da página do Facebook, 25% consideraram estar muito satisfeitos, 50% satisfeitos e 25% insatisfeitos. Os demais itens checados, como instalações, desempenho do professor e participação do monitor, tiveram avaliação prevalente entre muito satisfeito e satisfeito.

No segundo semestre, outros meios de divulgação da experiência e compartilhamento da metodologia serão buscados. Uma nova campanha publicitária será desenvolvida na primeira semana do semestre letivo, para atrair novos integrantes ao Grupo. Desta feita, será realizado um seminário de iniciação, de forma a compartilhar os conteúdos discutidos a partir da leitura dos textos adotados no semestre anterior. A proposta preliminar é trabalhar novos textos e realizar a primeira pesquisa empírica do Grupo, provavelmente uma investigação quantitativa sobre a grade de programação das emissoras locais.

Considerações finais

Pode ser considerada exitosa a experiência de tentar instalar um grupo de estudo dedicado a TV pública, num ambiente de curso superior de jornalismo, no caso, da Universidade de Fortaleza. Primeiro porque, do ponto de vista do ensino-aprendizagem, tornou-se possível oferecer aos alunos futuros jornalistas a iniciação no universo da comunicação pública, com foco na TV pública, inclusive ampliando a oportunidade de, numa perspectiva do estudo comparado,

aprender mais também sobre a TV privada. E, ao professor coordenador, foi oportunizado vivenciar novas relações, em torno de novos conteúdos, em sala de aula.

Segundo porque, do ponto de vista da iniciação docente ou da iniciação científica, foi possível construir uma nova aplicação para o programa de monitoria institucional, ampliando o horizonte de atuação de um monitor selecionado para além da eventual suplência do professor em sala de aula ou da rara demanda de orientação de algum aluno. Por outro lado, foi proporcionada ao monitor uma inicialização à iniciação científica, no caso específico, ao desenvolvimento de um projeto de pesquisa, à construção do “laboratório” e à efetiva realização da coleta e interpretação de dados.

Terceiro porque, do ponto de vista empírico, o trajeto percorrido dá a condição de confirmar a hipótese inicialmente posta, de que há condições favoráveis à instalação de um grupo de estudo em TV pública no âmbito do curso de jornalismo da Universidade de Fortaleza. Ou, numa visão mais ampla – e talvez otimista –, torna-se factível considerar a superação de eventuais entraves normativos, institucionais, infraestruturais, pedagógicos etc., em experiências congêneres e em ambientes semelhantes de instituições de Ensino Superior que venha a se interessar na adaptação da experiência.

Em relação à leitura dos textos e das vivências empreendidas no processo de construção e manutenção do grupo de estudo, que (1) no contexto do Ensino Superior, “a incerteza não nos deve levar à perplexidade, mas à disposição para a mudança e a incessante extensão e renovação do conhecimento”, o que pede à universidade lançar-se à desconhecida confluência de disciplinas e dos saberes ainda em escuridão, sendo do educador o papel de arriscar-se a experimentar novas universalidades.

Que (2) a netnografia abre uma nova perspectiva à pesquisa empírica em comunicação, ao considerar o ciberespaço um território com tempo, espaços, atores e relações, e ao acolher grupos virtuais como grupos reais.

Que (3) a matriz curricular dos cursos de jornalismo segregam a comunicação pública e a TV pública, não havendo para estes temas emergentes qualquer espaço nas ementas ou programas das disciplinas, restringindo do aluno futuro jornalista a compreensão de que há uma televisão democrática e centrada no interesse público, como alternativa ao modelo privado.

E que (4) é possível transgredir normas que engessam currículos, e não esperar pela tramitação de uma futura matriz curricular – que oxalá não chegue

atrasada aos novos tempos da comunicação -, através de ideias simples, de baixo custo e de fácil execução como o é a instalação de grupos de estudo.

São possíveis conclusões que colocam em pauta três temas à reflexão da Academia – e de seus interlocutores – e que podem suscitar novas investigações. A de que a flexibilização de normas centrais rumo ao interesse público que reside na periferia dos sistemas pode ser um novo caminho. A de que a convergência de diferentes áreas do conhecimento e de setores do sistema acadêmico tradicional pode ser um novo sentido. E a de que o compartilhamento de saberes, em fluxos mais livres e mais intensos, pode ser uma nova direção a ser seguida.

Referências

AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANA, L. *Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital*. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

BERNHEIM, Carlos Tünnermann; CHAUÍ, Marilena de Souza. *Desafios da universidade na sociedade do conhecimento: cinco anos depois da Conferência Mundial sobre Educação Superior*. Brasília, DF: Unesco, 2008.

BUCCI, Eugênio; CHIARETTI, Marco; FIORINI, Ana Maria. *Indicadores de qualidade nas emissoras públicas: uma avaliação contemporânea*. Brasília, DF: Unesco, 2012.

INTERVOZES. *Sistemas públicos de comunicação no mundo: experiências de doze países e o caso brasileiro*. São Paulo: Paulus, 2009.

LIMAFILHO, Ricardo Garcia. *A participação do internauta em uma transmissão de futebol em webTV: uma experiência netnográfica*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Curso de Jornalismo, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2012.

PINTO, Virginia B.; SILVA NETO, Casemiro; COSTA, Maria D. F. *“Netnografia”*: uma abordagem para estudos de usuários no ciberespaço. 2007. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/congressosbad/article/view/582/418>>. Acesso em: 31 jul. 2013.

ROTHBERG, Danilo. *Jornalismo público: informação, cidadania e televisão*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

SILVEIRA, Alberto. *Comunicação pública e TV digital: interatividade ou imperatividade na TV pública*. Fortaleza: EdUece, 2010.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2008. p. 98-109.

Data da submissão: 22/08/2013

Data do aceite: 15/10/2013